REFERÊNCIAS

A.H, L.E, J.R. Educação para mudança - recriando a escola. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Biancconcini. Tecnologia na escola. [online], p. 69-73.

Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/ pdf/2sf.pdf>.

BACICH, L. TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Org.). Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n° 9. 394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

NÓVOA, Antônio (Org.). Vidas de professores. Porto: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, C. C.; COSTA, J. W. da; MOREIRA, M. Ambientes informatizados de aprendizagem: produção e avaliação de software educativo. Campinas, SP: Papirus, 2001.

RODRIGUES, Disnah Barroso. Educação Continuada: Analisando sentidos a partir de terminologias e concepções. In: ANPED/GT 02 Formação de Professores. Anais 2004.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em educação. Diálogo Educacional, Curitiba, v. 6, n. 19, p.

37-50, set./dez. 2006.

SILVA, E. M. A. Dispositivos metodológicos para a formação continuada de professores: uma abordagem crítico-reflexiva. In FERREIRA, A. T. B.; ALBUQUERQUE, E. B.C.; LEAL, T. F. Formação continuada de professores: questões para reflexão. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional. 5. ed.

Petrópolis:Vozes. 2002.

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. A educação escolar no contexto das tecnologias da informação e da comunicação: desafios e possibilidades para a prática pedagógica curricular. Bauru: Revista faac. [online], p. 35-45. vol. 1, n. 1, set. 2011. Disponível em

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/134637/ISSN2236-3424- 201101-01-36-45.pdf?sequence.

PELOS CAMINHOS DA ALFABETIZAÇÃO

NADIELY MARTINS DE SOUSA SAPIO

RESUMO

Neste trabalho podemos conhecer um dos métodos de alfabetização, entender como se da as praticas pedagógicas e intervenções psicopedagógicas passando pela parte teórica onde esta explicito que pra tudo que se propusemos a fazer temos que ter base, pois não da para acerta e simplesmente ganhar todo o mérito, temos um bom acervo de pensadores para dar suporte nesta missão da educação assim facilitando e subsidiando todo o nosso trabalho.

Palavras-chave: Alfabetização, Dedicação, Conhecimento.

ABSTRACT

In this work we know one of the methods of literacy, understand how the pedagogical practices and psycho-pedagogical interventions through the theoretical part where it explicit that for everything we set out to do we have to base it not for the hits and just win all the merit, we have a good collection of thinkers to support this mission of education and facilitating subsidizing all our work. **Keywords**: : Literacy, Dedication, Knowledge

INTRODUÇÃO

A construção da leitura e da escrita esta longe de ser uma tarefa fácil por isso este é o objeto de estudo de vários educadores. Tendo como meta facilitar esse processo, que é tão peculiar, pois cada um aprende ao seu modo e há seu tempo, por isso o ato da alfabetização é tão árduo, pois não existe uma regra a se seguir nem tão pouca algo que seja feito para que todos aprendam de uma só vez.

Desse Modo, o presente artigo pretende ressaltar o quão é linda e complexa a aquisição da leitura e da escrita que por sua vez para pensarmos no processo de alfabetização tomaremos por base alguns autores que nos auxiliam a compreender esse processo de aquisição. Pois como bem colocado por (Ferreiro, Teberosky, 1986, pg268) uma estudiosa que revolucionou a alfabetização “Ler não é decifrar escrever não é copiar”. Então pesquisas realizadas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky mostraram que as crianças constroem diferentes ideias sobre a escrita, e nos esclarecem todas as etapas da que são: pré-silábica, silábica, silábicas alfabética, e por fim alfabética, por meio dessas hipóteses podemos enxergar Claramente a linha de raciocínio da criança assim nos facilitando intervenções e estratégias a serem feitas a cada um em um modo diferente e particular, pois tendo claro qual a hipótese da criança temos como saber se a criança esta evoluindo ou não.

Por isso vamos entender de vez esse mundo letrado, esse mundo de símbolos a serem decifrados não só pelos alunos, mas por todos nós professores já que entramos nesse universo temos que nos munir de recursos e nos capacitar para acompanhar todo o desempenho escolar e é por isso que dou máxima importância para a Psicopedagogia, pois com ela podemos tratar não só de como ocorre à aprendizagem, mas também das dificuldades encontradas em todo esse percurso.

1. Alfabetização e letramento

Ao abordar o tema alfabetização e letramento a minha real intenção é estabelecer um dialogo franco e pratico sobre o que de fato fundamenta a pratica da alfabetização.

Para isso destacaremos três teóricos que vão facilitar o entendimento do processo de aprendizagem, pois com os três conseguimos desmembrar e posteriormente unir novamente todo esse quebra cabeça. Primeiramente, pensaremos sobre o processo de desenvolvimento do individuo e construção do conhecimento, segundo a teoria de Piaget. Posteriormente refletiremos sobre a linguagem como instrumento de interação social e aprendizagem, na perspectiva de Vygotsky. E, por fim, estudaremos brevemente sobre

como se dá o processo de aquisição da leitura e da escrita, de acordo com Ferreiro & Teberosky.

Jean Piaget (1896-1980), psicólogo e filosofo suíço desenvolveu um trabalho pioneiro no campo do estudo da inteligência infantil. Tornou-se conhecido principalmente por organizar o desenvolvimento cognitivo em uma serie de estágios.

Piaget passou grande parte da vida estudando o comportamento das crianças e seu processo de raciocínio. Diferente da pedagogia tradicional - que acreditava ser amente vazia, esperando ser preenchida por conhecimento -, ele afirmou, criando e testando suas teorias sobre o mundo num processo continuo que a criança é a própria construtora ativa do conhecimento.

Suas contribuições para as áreas da pedagogia e da psicologia são incalculáveis e servem como base para muitas linhas educacionais atuais.

Segundo Piaget (2010), a constante interação entre o individuo e o mundo exterior é o processo pelo qual se da o desenvolvimento intelectual humano. A interação leva a uma oscilação continua entre equilíbrio e desequilíbrio.

Então, não podemos deixa de falar da linha do construtivismo, pois antes dele o nosso cenário da alfabetização eram baseados em mera memorização das letras e sons onde tínhamos um prejuízo na educação. Com a chegada de um código fundado com a relação entre fonemas e grafemas, a partir dos estudos realizados por Emília Ferrero e Ana Teberosky, a língua escrita deixa de ser apropriação de símbolos ou códigos.

Nesse novo contexto a escrita para a ser um modo de representação. Ferreiro (1986), demonstra pode meio de seus estudos o caminho e as associações que as crianças fazem, deixando bem claro e definido esta trajetória, denominada como Psicogênese da língua escrita. O termo corresponde a gênese, ou origem, da língua escrita no pensamento infantil. Esses estudos, por sua vez foram baseados na epistemologia genética de Jean Piaget.

2. Métodos de alfabetização

Neste momento iremos abordar sobre esse método que desenvolvido e pesquisado pelas Ana Teberoky e Emília Ferreiro,

> Pretendemos demonstrar que a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor deste objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insus--peitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia... insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou mal disposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia da lecto-escrita esqueceu [...] (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986, p. 11).

Na hipótese pré-silábica, em um primeiro momento, o aprendiz pensa que pode escrever com desenhos, rabiscos, letras ou outros sinais gráficos, imaginando que a palavra assim inscrita representa a coisa a que se refere. Há um avanço,

quando se percebe que a palavra escrita representa não a coisa diretamente, mas o nome da coisa. Ao aprender as letras que compõem o próprio nome, o aprendiz percebe que se escreve com letras que são diferentes de desenhos.

Entretanto, ainda neste nível, mesmo após tomar consciência de que se escreve com letras, o aprendiz tenderá a grafar um número de letras, indiscriminado, sem antecipar quantos e quais caracteres precisará usar para registrar palavras. Por exemplo, quando o professor pedir que escreva gato, poderá escrever RARDICO, normalmente limitando-se a usar apenas um pequeno inventário de letras, como as de seu nome (RICARDO), sem correspondência sonora alguma.

Somente quando for questionado sobre a quantidade de letras são necessárias para pronunciar determinada palavra é que o aluno começará a antecipar a quantidade de letras que deverá registrar para escrever.

Neste momento, o aluno avança para o próximo nível de escrita, o silábico, sem valor sonoro, pois de início, grafará uma letra para cada sílaba, entretanto, seu registro não terá correspondência sonora. Para a palavra BONECA, poderá grafar IOD, por exemplo. Assim, a passagem para o nível silábico é feita com atividades de vinculação do discurso oral com o texto escrito, da palavra escrita com a palavra falada. O aprendiz descobre que a palavra escrita representa a palavra falada, acredita que basta grafar uma letra para poder pronunciar uma sílaba, mas apenas será compreendido na hipótese silábica de escrita, com correspondência sonora, à medida que seus registros apresentarem esta relação, por exemplo, para MENINO grafar, MIO (M=me, I=ni, O=no), para GATO, GO (G=ga, O=to), BEA (B=bo, E=ne, A=ca) para BO-NE-CA, e assim por diante.

É comum, principalmente entre as crianças, encontrarmos alunos que parecem “comer letras” ou usar mais letras do que as palavras requerem.

Entretanto, os adultos reconhecem como palavras, combinações de letras e sílabas com algum significado e que se distinguem dos desenhos. Sabem que o alfabeto não basta, para ler e escrever. Muitos o sabem de cor, inclusive com o valor fonético das letras, mas não conseguem combiná-las. Isto pode implicar condutas diferenciadas na orientação de crianças que aceitam bem a didática do nível présilábico, e de adultos que preferem segmentos maiores com significação, caminhando da palavra para a análise das famílias silábicas.

Assim, diferentemente dos adultos, as crianças parecem passar pelas fases pré-silábica e silábica, atingindo finalmente a alfabética.

Nesse nível alfabético, o aprendiz analisa na palavra suas vogais e consoantes. Acredita que as palavras escritas devem representar as palavras faladas, com correspondência absoluta de letras e sons. Já estão alfabetizados, porém terão conflitos sérios, ao comparar sua escrita alfabética e espontânea com a escrita ortográfica, em que se fala de um jeito e se escreve de outro. (Schwartz Onaide, p.39-40)

3. Práticas pedagógicas e alfabetização

Como falar em praticas pedagógicas

quando percebo que a rede educacional, ou boa parte dela não se preocupa com isso, vejo que estão todos muito focados no dinheiro ou preocupados só consigo mesmo, deixando de lado o planejamento onde o "por em pratica" na abordagem do professor posso dizer que tem traços construtivistas que foram sendo articulados ao longo dos anos, usam a questão das Hipóteses da escrita, adotam as lista de nomes em suas salas de aula, mas ainda usam os métodos tradicionais ou antigos com o uso das cartilhas de materiais prontos e o famoso B com a Ba, esquecem de sondar o que a criança já tem construído que muitas vezes são o suficiente para que sigamos uma linha mais espontânea mais particular afinal não podemos esquecer que cada um aprende ao seu modo ao seu tempo, e partem da sua linha de raciocínio para associar o novo que esta sendo apresentado a ele .

Em meus estágios ficou sempre muito claro que o uso da sondagem das hipóteses escritas são ferramentas imprescindíveis para o bom desenvolvimento do aluno e também subsidiam do norte de cada professor, pois com base no que eu identifico de conhecimento do meu aluno eu posso me munir de ferramentas ou métodos específicos para o seu pleno desenvolvimento.

Entendemos que o aluno de ontem não é o mesmo aluno de hoje, pois com todas informações e tecnologia expostas a eles não poderia ser diferente. Então permaneço com a dica professores atualizados e comprometidos com o aluno tem sim que rever seus métodos de abordagem.

4. Intervenções psicopedagógicos

O psicopedagogo entende as intervenções como objetividade (conhecimento, realidade, tempo, intelecto) e subjetividade (afeto, simbólico, desejo) partindo do principio de o individuo aprende de uma forma global e integrada em seu processo cognitivo, familiar, social, emocional e assim o pedagógico, tudo em um processo continuo com o suporte ou movido por motivações psicológicas.

Assim o psicopedagogo age como um facilitador deste processo, tendo como meta identificar possíveis obstáculos a fim de intervir de formar coerente em cada caso ou cada nível de desenvolvimento, sendo assim também propondo ao professor pedagogo atividades significativas a cada nível.

Então entendemos o quanto é essencial a presença e o trabalho do psicopedagogo acredito que possamos ter mais segurança enquanto intervenção afinal a educação e a pratica dos pedagogos tem que ter um casamento com todas as ferramentas sejam possíveis para o desenvolvimento cognitivo, orgânico, emocional, pois lidar com a peculiaridade de cada aluno só existindo vários recursos para ter êxito e sucesso no lidar , no trabalhar no desenvolver de cada momento ou caso.

A escola geralmente ineficiente para introduzir as crianças no mundo da língua escrita, é, contudo, extremamente eficiente para conseguir fazer com que assumam a culpa de seu próprio fracasso um dos maiores danos que se pode fazer a uma criança é leva-la a perder a confiança em sua capacidade de pensar. (Ferreiro,1989,p 73).

Sendo assim, diante de todas essas informações temos que ter claro que o trabalho de qualquer educador tem que ser feito e pensado em conjunto com parceiros pra nos apoiar durante a trajetória alfabetizadora afinal temos um caminho todo magico que se da puro e simplesmente pela capacidade de cada criança , mas quando temos diferenças nesses caminhos nos cabe munir-se de recursos pra que a alfabetização seja plena sem acertos ou errados e sem culpados ou julgamentos e principalmente sem rotular as crianças; simplesmente com um resultado satisfatório ao final , deixando que possíveis frustrações vire combustível para a busca do novo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo podemos ter certeza de que varias incertezas viram, pois a aprendizagem é feita de adequações de uma constante inquietação para que possamos manter viva a vontade de ir à busca do novo ou apenas e puramente se apropriar do que nos vem como base pra traçar um norte, Onde por diversas vezes nos faram ter duvidas, mas essa duvida nos projetarão às novas descobertas e tão logo podemos desfrutar com criticidade e assim exercendo a habilidade do letramento e com esse trajeto podemos ter um ponto de partida entender de vez que para tudo que pensarmos fazer temos que ter um parâmetro, tendo claro que podemos e somos livres para fazer o que pretendemos, mas sempre com responsabilidade afinal nos professores estamos mexendo com mentes brilhantes que são puramente diamantes brutos a serem lapidados.

Então ao longo do trabalho podemos ver de onde surgiram os métodos, de sondagem que nos deixa claro em que nível cognitivo a criança se encontra vendo de uma forma clara o seu modo de assimilação, Também vimos o que podemos chamar de intervenções pedagógica sabendo assim qual o papel do psicopedagogo nas instituições de ensino, lidando não só com o aluno e suas dificuldades de aprendizagem, mas auxiliando o professor com essa tarefa. ‘Pois segundo Emília Ferrero (1996) é um esforço coletivo de busca de novos caminhos, deslocando a investigação do “como se ensina” para o “como se aprende” se a professora estiver com vontade de ensinar o aluno pode ir além e aprender mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

La Taille, Yves de. Piaget, Vygotsky, Wallon:Teorias Psicogenéticas em discussão/Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas, São Paulo:

Summus,1992.

Soares, Maria Inês Bizzotto, Alfabetização Linguistica; da teoria a pratica, Maria Ines Bizzotto Soares, Maria Luisa aroeira, Amélia Porto.—Belo Horizonte :Dimensão, 2010.144p.